

CENÁRIO

O cenário eleitoral continua dominando o econômico. No início do mês, depois de 15 dias de propaganda eleitoral, esperava-se um crescimento dos candidatos com maior tempo de TV, o que não ocorreu; O candidato Geraldo Alckimin, manteve-se em quarto lugar nas pesquisas eleitorais. Os dois fatos mais relevantes deste mês na corrida eleitoral foram a substituição de Lula por Fernando Haddad na candidatura à presidência do Brasil pelo PT e o atentado contra o candidato Jair Bolsonaro. O primeiro fato já era amplamente esperado, em face à complicada situação do ex presidente; A surpresa ficou por conta do rápido crescimento nas pesquisas de intenção de votos, enquanto em 09/09 a intenção de votos em Haddad era de 9%, em 26/09, subiu para 21% consolidando-se em segundo lugar para a disputa de outubro. O segundo fato relevante foi o atentado sofrido pelo candidato líder nas pesquisas, Jair Bolsonaro. O atentado, faltando um mês para o primeiro turno, retirou o candidato das campanhas de rua e dos debates com os outros candidatos. Era esperado um crescimento devido à empatia que, se concretizou, porém a ausência de Bolsonaro expôs algumas fissuras na cúpula de sua campanha, com declarações polêmicas de Paulo Guedes e seu vice general Mourão. Os outros candidatos continuaram sem grandes variações em suas intenções de voto consolidando um cenário eleitoral polarizado.

Na economia, destaque para os dados de fechamento do terceiro trimestre. Houve deflação de 0,09% em agosto, menor índice em vinte anos para o mês. Desta forma a inflação acumulada em doze meses volta a se afastar do centro da meta. À luz desta inflação o COPOM decidiu por unanimidade manter a taxa SELIC em 6,5% a.a.. Em seu comunicado ao mercado, ressaltaram como fatores de pressão por aumento de prêmio de risco no cenário externo, a redução do apetite ao risco em relação a economias emergentes, a continuidade do processo da normalização das taxas de juros em economias avançadas e incertezas no comércio global. No cenário interno uma frustração das expectativas sobre a continuidade das reformas e ajustes necessários na economia também contribui para pressão de aumento na taxa básica de juros. Por outro lado o elevado nível de ociosidade da economia, alta taxa de desemprego e nível de produtividade baixo contribuem para a não elevação da taxa.

O dólar acumulou queda de 0,87% em setembro, fechando em R\$ 4,037. A bolsa acumulou alta de 3,47% fechando em 79.342 pontos no mês e alta de 3,85% no ano. As curvas futuras de juros de curto (janeiro 2021) e médio (janeiro 2024) prazo fecharam o mês em queda. Depois de alguns meses, o kit Brasil, que envolve valorização do câmbio, queda nos juros e alta do IBOV voltou a dar resultado positivo. No mercado de crédito privado é perceptível a incerteza no mercado, levando a uma pausa nas emissões primárias de ativos. E um aquecimento nas negociações no mercado secundário.

VALORA GUARDIAN

Desempenho	setembro 18	Acumulado ano
Guardian I	0,57%	5,95%
% CDI	121,9%	123,7%
Guardian II	0,55%	5,75%
% CDI	118,0%	119,5%

Os fundos fecharam agosto dentro da meta da Gestão. O resultado do fundo no mês foi principalmente impactado por (i) melhor alocação da carteira em FIDCs, (ii) marcação positiva de ativos e (iii) negociação de ativos no mercado secundário. Apesar do alto fluxo de amortização dos ativos, a Gestão tem trabalhado ativamente na originação de novas oportunidades de investimento.

A alocação em ativos de crédito representou 79,53% do PL, dos quais 70,20% em cotas seniores, 9,33% em subordinadas mezanino e 5,39% cotas únicas; fundos DI representavam 20,90% ao final do mês. A geração de alpha decorre 59,71% de fundo multi, 20,32% de massificados, 14,37% de corporativos e 5,60% em operações com distribuidoras (utilities).

VALORA ABSOLUTE

Desempenho	setembro 18	Acumulado ano
Fundo	0,50%	5,37%
% CDI	107,1%	111,6%

O fundo rendeu 0,50% em setembro (107,11% do CDI). O retorno positivo dos fundos estruturados fez com que a carteira rentabilizasse acima do CDI, sendo responsável por 52% do resultado do fundo. Na média, os ativos de crédito privado seguiram a abertura da curva de juros, refletindo o cenário de incerteza nacional. Destaque positivo para os FIDCs que tiveram uma rentabilidade média ponderada de 159% do CDI. Enquanto os ativos mais líquidos com marcação a mercado tiveram aberturas marginais de taxa, retirando prêmio do portfólio.

O portfólio encerrou o mês composto por 15,61% em fundos líquidos, 26,41% em títulos públicos, 4,49% em emissões bancárias, 45,40% em debêntures e 8,17% em FIDCs. A gestão preocupou-se em alocar a captação positiva do fundo, e a busca e alocação de ativos de qualidade será a linha mestra da gestão.

VALORA HORIZON HIGH YIELD

Desempenho	setembro 18	Acumulado ano
Fundo	0,71%	7,03%
% CDI	151,3%	146,2%

O fundo rendeu 0,71% em agosto (151,28% do CDI). Durante o mês, alocamos uma cota mezanino do FIDC CRB, o que aumentará a rentabilidade do fundo nos próximos meses.

A estratégia de gestão do fundo são investimentos em ativos high yield, ou seja, buscamos o alpha da carteira na alocação de ativos como: debêntures, cotas subordinadas ou mezanino de FIDCs, CRIs ou CRAs com garantias reais. O fundo encerrou o mês de setembro/18 com R\$ 36,917 milhões, alocando em 39,89% em cotas de FIDCs subordinadas mezanino, 11,53% em cotas de FIDCs Senior, 42,50% em Fundos de Crédito, 3,72% em CRIs com garantias reais e 2,52% em caixa.